

EDITORIAL

Denise Maurano Mello

Apresentamos o segundo volume da décima quinta edição de *Psicanálise & Barroco em Revista*, convidando nossos leitores a apreciar os novos artigos que nela se encontram.

Começamos pelo texto de Joana Souza que em **“O traço como fundamento da memória social”** realiza uma subversão na concepção tradicional acerca da memória, e evidencia que conforme Freud e Lacan ensinam é impossível separar interno e externo, subjetivo e social, pois, essas dimensões mantêm uma relação não de oposição, mas de continuidade. Assim, os traços que regem uma cultura expressam inscrições internalizadas pelo sujeito, e são rememorados, esquecidos, e retornam nos atos, nos ritos e celebrações que conservam e ao mesmo tempo possibilitam a recriação de novos sentidos. Nessa visada, que é prenhe de consequências, a memória longe de ser um arquivo morto, é viva, atuante, sempre aberta a novas organizações, tendo portando um caráter inventivo e criacionista.

Falando em memória e transmissão, o mito grego de Antígona, escrito por Sófocles, é muito caro à psicanálise, já que ela foi capaz de transgredir as leis da polis para levar o mais longe possível o seu desejo. No texto **“Uma Antígona Brasileira: A construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei”**, Mariana Rodrigues Festucci Ferreira constrói as memórias de Eunice Paiva em articulação com a tragédia de Antígona. Eunice teve o marido extraído de seu convívio por agentes da ditadura militar no ano de 1971, tendo tido indicações de que ele havia sido assassinado. Reivindicou o reconhecimento de sua morte e a revelação de onde o corpo estaria enterrado para que lhe pudesse prestar as honrarias fúnebres. Indo para além da dimensão pessoal da tragédia, Eunice passou a militar pelos direitos civis dos desaparecidos e familiares de todo o Brasil. E, como advogada atuou contra a violência e expropriação indevidas de terras sofridas pela população indígena. O artigo evidencia que sustentar o desejo, indo além do Outro é um ato com efeitos não apenas singulares, mas se configura como um ato político.

Ainda em articulação com a arte, no texto **“As mulheres de Klimt: o real do feminino”**, Tharso Peixoto Santos e Souza evidencia que Gustav Klimt, contemporâneo a Freud, aponta com sua arte para a dimensão do feminino, em consonância com o que Freud pode fazer por meio da Psicanálise. Ao retratar inúmeras mulheres nuas, que encaram o espectador com um olhar de desafio, numa atmosfera de erotismo incomum à imagem da mulher vienense de seus dias, Klimt evidencia a impossibilidade de domínio sobre esse corpo, tal qual a histeria vinha denunciar. A relação do sujeito com a castração, e, portanto, com a falta se evidencia nessas imagens, apontando o lugar do indecifrável, via régia de todo processo de análise, e terreno fértil para que as questões sobre o feminino possam emergir.

No texto **“From incest to tragedy – psychoanalytic reading of the Tale, Angel, Lost, from the Brazilian Writer Arriete Vilela”**, Yvisson Gomes dos Santos toma o conto da escritora brasileira e alagoana, Arriete Vilela, Anjo Perdido, para discutir o tema da tragédia, do incesto e da feminilidade. A autora foi de extrema importância pela inserção da literatura alagoana no contexto literário brasileiro, mantendo seu sotaque nordestino pode dar visibilidade a sua regionalidade. Esse texto é apresentado em inglês, tal como nos foi enviado, o que abre um novo canal em nosso periódico para apresentar textos também em outras línguas.

Ampliando o campo de discussão da psicanálise, Guilherme Henrique Lima Barati e José Roberto Montes Heloani no artigo **“Entre a sobrevivência e subserviência: desmanche das práticas de coaching”** tratam de uma temática bastante atual e com sérias consequências éticas: as contradições e impasses nas práticas de coaching. Nele o coaching surge como um representante do discurso do mestre. Este, geralmente é convocado quando se abrem brechas, fendas, arranhões que deformam a imagem e colocam em xeque as referências identificatórias do que é ser bem-sucedido. Contudo, os aspectos pessoais e singulares que disparam processos deformadores bem como desidentificações são indícios de um mal-estar que evidenciam a emergência do sujeito e suas rupturas, o que torna possível questionar se é possível encobrir essa fenda, ou se ao tentar preencher uma lacuna, outras surgem, pois como Lacan afirma, haverá sempre algo de inadministrável no sujeito.

A clínica psicanalítica é um tema sempre presente em nossas discussões, vamos agora alguns artigos que nos levam a pensar sobre alguns impasses que precisam ser tomados pelos analistas.

Sendo a clínica escola presente em muitas Universidade, um espaço possível para uma certa introdução a aspectos relativos ao exercício da psicanálise, o texto **“Freud, Lacan e a hiper-realidade na transmissão da psicanálise”**, de Daniel Migliani Vitorello, trava um pertinente debate sobre a transmissão da psicanálise e sua ancoragem na transferência. O autor questiona se a transferência não poderia tornar-se um instrumento de controle, de disseminação de um ideal e exercício de poder, como Lacan aponta nos mecanismos institucionais pós-freudianos. A transmissão da técnica em psicanálise é associada com a noção de hiper-realidade de Baudrillard, pela possibilidade de ela vir a se constituir como um simulacro. Estrutura que ficaria aquém de um analista, e do poder subversivo que a psicanálise e sua transmissão comportam.

Freud já advertia que um curso universitário não assegura a existência de um analista, a formação de um psicanalista se ancora em um tripé constituído por análise pessoal, estudo teórico permanente e supervisão. Contudo, isso não significa dizer que a psicanálise está excluída das universidades, ao contrário, ela se faz presente e sustenta seu discurso integrando as disciplinas curriculares e a prática clínica nas clínicas-escolas. O artigo **“As vicissitudes da psicanálise nas clínicas-escolas e serviços de psicologia”** de Bruna Adames e Gustavo Angeli discute os desafios e possibilidades de sustentar uma orientação que toma a psicanálise em conta nesses espaços de formação universitária. Ainda que acolhendo muitas controvérsias, a clínica-escola é um espaço para a criação de estratégias de intervenções e o exercício da prática clínica psicanalítica, contudo, está submetida a uma lógica institucional, e não se pode assegurar que aquele aluno que ali está, esteja em análise pessoal, e, que, portanto, esteja ancorado do tripé de formação. Além disso, há ainda todo enquadramento institucional a ser considerado. Revisitando os textos freudianos sobre a técnica os autores discutem a temática.

Por essa mesma via, considerando a clínica escola um espaço possível de introdução no exercício de uma escuta de caráter psicanalítico, optamos por incluir nessa edição um artigo produzido nesse contexto, que evidencia o início de um percurso teórico e clínico de quem decide se aventurar pela psicanálise. Elson Eneas Cavalcante Bezerra e Cleber Lizardo de Assis, no artigo **“Notas sobre o transtorno obsessivo-compulsivo a partir de um caso clínico em psicoterapia psicanalítica”**, apresentam um caso clínico de neurose obsessiva atendido na clínica-

escola de uma universidade, apontando que tais espaços de aprendizagem possibilitam um ponto de partida.

Fechamos esse número com uma bela resenha escrita por Janaína Bianchi de Mattos, sobre o livro **“Rio de Janeiro (1937-1959) Uma Psicanálise Possível”**, elaborado a partir da dissertação de mestrado de Maria Teresa Saraiva Melloni, defendida no curso de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. Seu título: “O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização”. Nela, a autora faz um percurso histórico da psicanálise e de seu processo de institucionalização no Brasil, evidenciando, como bem ensina Lacan, que um analista deve estar atento a subjetividade de sua época, pois, os arranjos sociais, políticos e econômicos se evidenciam no modo de cada época produzir, aplicar e transmitir um saber.

Por ora, ficamos aqui, nesse ponto, qual seja, o de transmitir um saber, ou uma relação ao saber. Perspectiva crucial desse nosso periódico que novamente sai do forno, para sua degustação.

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php